

A LITERATURA EM QUESTÃO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

MARCOS NATALI

A literatura em questão

Sobre a responsabilidade da instituição literária

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

N191L Natali, Marcos
A literatura em questão: sobre a responsabilidade da instituição literária /
Marcos Natali. — Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

1. Arguedas, José Maria, 1913-1969. 2. Derrida, Jacques, 1930-2004. 3. Bolaño,
Roberto, 1953-2003. 4. Literatura latino-americana. 5. Ética na literatura. 6. Pós-
-colonialismo na literatura. I. Título.

ISBN 978-65-86253-44-3

CDD – 801.3
– 809.93358

Copyright © by Marcos Natali
Copyright © 2020 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste material são de responsabilidade do autor
e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Para Alejandra

Para Maria

Para Carmela

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
--------------------	---

PARTE I UM “NÃO” IMPOSSÍVEL

1 ALÉM DA LITERATURA.....	19
2 JOSÉ MARÍA ARGUEDAS AQUÉM DA LITERATURA.....	55
3 ASPECTOS ELEMENTARES DA INSURREIÇÃO INDÍGENA: NOTAS EM TORNO DE <i>OS RIOS PROFUNDOS</i>	69

PARTE II DAS DEMANDAS À LITERATURA

4 O SACRIFÍCIO DA LITERATURA	91
5 UMA SEGUNDA ESMÉRIA: DO AMOR À LITERATURA (E AO ESCRAVIZADO).....	121
6 GRAFOTERAPIA	147

PARTE III DEPOIS DO FIM

7 AS MORTES DA LITERATURA	163
8 FUTUROS DE ARGUEDAS.....	179
9 DA VIOLÊNCIA, DA VERDADEIRA VIOLÊNCIA.....	207

<i>POST SCRIPTUM</i> - AUTOBIOGRAFIAS DO COMEÇO DE UMA AULA... 241	241
--	-----

BIBLIOGRAFIA.....	261
-------------------	-----

APRESENTAÇÃO

A literatura começa no momento em que se torna uma questão, escreveu Maurice Blanchot em 1948.¹ Uma vez inscrita na folha, continua, a pergunta repousa silenciosamente na página, indagação endereçada à linguagem pela literatura. Admitida a suposição que Blanchot nos convida a considerar, este livro busca pensar o movimento inverso, perguntando-se a respeito do que acontece quando a literatura *deixa de ser* uma questão. Interessam, aqui, os modos em que se procura diluir, anular, neutralizar ou domesticar a potência desestabilizadora associada por Blanchot à literatura. A aposta é que, como parte de um exercício empenhado em esboçar o que seria “próprio” à literatura, esforço necessário para a sua conceitualização, é produtivo deter-se em cenas em que a literatura parece se tornar sinônimo de segurança e garantia.

Os capítulos a seguir são um conjunto de especulações geradas por essa inquietação inicial, voltando uma e outra vez, de ângulos variados, a dilemas gerados em situações em que a instituição da literatura se viu obrigada a enfrentar demandas de diferentes espécies. Procurando ressaltar e agudizar o que estava (e continua) em jogo nesses confrontos, os capítulos buscam situações-limite de diferentes tipos, detendo-se em conjunturas em que a deseabilidade da literatura, comumente enunciada com naturalidade em parte da história recente da reflexão sobre a literatura, precisa voltar a ser pensada.

¹ Blanchot, 1997, p. 291.

Assim, os capítulos do livro vão figurando, com cores mais ou menos carregadas e em graus variáveis de dramaticidade e intensidade, cenas em que uma demanda foi apresentada à literatura. Sua preocupação de fundo é, portanto, com a *responsabilidade* literária, isto é, com o modo como a literatura responde, ou se recusa a responder, a inquirições diversas. Ao longo dos textos, tendo por base casos específicos que ocuparam a crítica literária latino-americana nas últimas décadas, são examinadas relações conflituosas entre a literatura e os direitos humanos, a sala de aula, as discursividades indígenas, o trabalho de luto, o racismo, a loucura e a violência.

Nesse exercício, o interesse pela literatura, mais do que a comprovação de um valor que ela teria “em si”, advém da percepção de que ela é um território privilegiado para a dramatização de fantasias associadas à democracia, em particular o imaginário que inclui a crença na possibilidade infinita de inclusão e a confiança na possibilidade da assimilação da alteridade sem atrito ou restos. O tom piedoso comumente encontrado em referências tanto à literatura quanto à democracia sugere que ambas costumam ser vistas como uma espécie de justiça já conquistada, precisando agora apenas de proteção, preservação e cuidado. A instituição literária – os desejos, repressões e contradições aglomerados em torno do nome *literatura* – surge assim como um espaço que ajuda a pensar os limites e as aporias contidos na ideia de democracia, não obstante sua autorrepresentação como abertura infinita. Afinal, do mesmo modo que com a democracia, e algumas versões da noção de modernidade (como elaborado nos primeiros capítulos), encontramos com alguma frequência imagens que representam a literatura como um ambiente discursivo e político no qual caberia a totalidade da existência, e isso no mesmo gesto que determina limites para a diferença.

Não teria como afirmar – agora que este livro está, se não pronto, ao menos encerrado e entregue a eventuais leitoras e leitores – que o objetivo, a finalidade e o horizonte dos estudos realizados ao longo dos anos foi, desde o início, algo como a conformação delineada acima; na verdade, os

elementos em comum só foram se tornando mais nítidos após a reunião e a revisão dos textos. Diria, com um pouco mais de certeza, que, mais do que um projeto, este volume reúne um conjunto de obsessões – se não fosse pelo fato de que poderia então estar sugerindo que um livro verdadeiro é outra coisa que não o resultado de perturbações recorrentes e insistentes, diante das quais quem escreve tem vista e conhecimento parciais.

O que talvez se possa fazer nesta “Apresentação”, então, é uma reflexão breve sobre a forma que os textos agrupados aqui foram adquirindo, durante um período de estudos e ensino que teve início em 2006. Por meio de leituras de textos importantes e influentes da crítica literária latino-americana, com atenção maior ao brasileiro Antonio Candido e ao uruguaio Ángel Rama, os dois primeiros capítulos abordam ocasiões em que a literatura serviu para definir limites aceitáveis para a diferença. Nesses capítulos, ou ao menos em alguns trechos das análises que eles empreendem, o tom, essa característica tão difícil de definir, poderá, não sei se com razão, ser associado à *polêmica*. É pouco provável que uma negação minha dessa leitura tenha algum efeito, nem acredito que seria desejável que tivesse, pois recusar uma leitura possível seria repelir a própria possibilidade da leitura pelo outro. E, de todo modo, o anúncio daquilo que seria a verdadeira intenção *por trás* do texto dificilmente nos levaria muito longe; isso, como todo o resto, caberá aos leitores avaliar. Mas, colocando-me por um momento entre eles, diria que são sem dúvida textos – conforme o quinto capítulo, que se ocupa do debate sobre o racismo em Monteiro Lobato – que buscam algum atrito e dissenso, ensaiando formulações do problema da irresponsabilidade da literatura que agucem a contrariedade e a incompatibilidade entre algumas posições existentes no campo da crítica e da teoria literárias. “Além da literatura”, o primeiro capítulo, é uma leitura de “O direito à literatura”, texto de Antonio Candido de 1988, que provavelmente ensinei e discuti em sala de aula mais do que qualquer outro ao longo de mais de uma década e meia de prática docente. O segundo capítulo – “José María Arguedas aquém da literatura” – retoma um aspecto específico do

capítulo anterior, e da argumentação de Antonio Candido, para explorar como a crítica literária latino-americana, por meio de conceitos teórico-políticos como a *transculturação*, contribuiu para um grande projeto modernizante de assimilação da diferença indígena. O contraponto às teorizações de Ángel Rama nesse capítulo virá de José María Arguedas, escritor peruano que foi crucial para o desenvolvimento de muitas das formulações que atravessam este livro. Como sempre acontece no caso da exposição de divergências, o êxito do exercício dependerá da identificação por leitores e leitoras dos autores criticados nas figuras que vou construindo, com sugestões em trechos específicos de algumas das consequências políticas e teóricas de seus argumentos. Ainda na primeira parte do livro, no terceiro capítulo, a produtividade política das questões culturais e linguísticas elaboradas por Arguedas é desdobrada, dessa vez com ênfase no romance *Los ríos profundos* (*Os rios profundos*).

O nome *Derrida* aparece em diversos momentos deste livro. Mais numerosas ainda do que as menções ao filósofo são, desconfio, as operações discursivas, os conceitos e os movimentos de escrita e pensamento que podem ser associados à sua obra. No quarto capítulo – “O sacrifício da literatura” –, essa presença torna-se explícita, com o capítulo inteiro dedicado à leitura de alguns de seus textos, em especial de um livro que em alguns aspectos, expostos de modo detalhado na análise, parece singular em sua obra, uma reflexão escrita simultaneamente à agonia de sua mãe. A leitura das páginas que ficariam conhecidas como a “Circunfissão” de Derrida, publicadas depois no volume intitulado *Jacques Derrida*, é a oportunidade para um retorno de outro modo à questão da literatura. Dentro de sua extensa obra o texto é insólito por conter, em vez dos comuns elogios do autor à literatura, uma abordagem mais hesitante diante do fenômeno literário, situado nesse caso em oposição às demandas extraordinárias feitas à escrita pelo processo de luto. Se nos primeiros capítulos a tensão é gerada por um dispositivo discursivo etnocêntrico que busca encobrir a diferença trazendo-a de volta a si, nesse caso o embaraço estará no contraste entre o arcabouço ético da literatura e o de outros gêneros discursivos, em particular o da elegia.

No quinto capítulo – “Uma segunda Esméria: do amor à literatura (e ao escravizado)” –, o volume da discussão volta a se elevar, inclusive porque o objeto da reflexão é precisamente uma polêmica, ou melhor, o modo como parece ter sido desperdiçada uma oportunidade para a agudização da contrariedade e do antagonismo no espaço público brasileiro. Trata-se de uma leitura das respostas públicas à denúncia de racismo dirigida à obra de Monteiro Lobato em 2010. Mais uma vez, o interesse estará naquilo que a discussão revela a respeito da forma como é pensada a relação entre literatura e ética, com o elogio à primeira funcionando por vezes no episódio como forma de desviar o olhar do racismo que estrutura a injustiça brasileira. O mérito do episódio está também na revelação da extensão e da variedade das forças que se organizaram em defesa da instituição literária, alheias aos deslocamentos sísmicos que aconteciam à sua volta, dentro e fora do campo do estudo universitário da literatura.

“Grafoterapia”, o sexto capítulo do livro e o último da segunda parte, retoma as hipóteses principais do primeiro volume da *História da sexualidade* para pensar a relação entre a consolidação da noção de *expressão* e a crença na existência de um segredo, que a verbalização teria então o dever de exteriorizar, para apreciação da análise. O texto de Michel Foucault leva à leitura de *La jornada de la mona y el paciente*, novela de Mario Bellatin publicada pela primeira vez em 2006, uma narrativa em que os dispositivos de incitação à expressão e à fala autobiográfica estão presentes de diversas maneiras, justificando-se através da afirmação da utilidade, individual e coletiva, da expressão, incluída aí a escrita literária.

O sétimo capítulo, na terceira parte – “As mortes da literatura” –, não sustenta o tom algo grave prometido por seu título (embora o uso do plural talvez já sinalize que há algo de duvidoso acontecendo). O ponto de partida é o fato curioso de que alusões à morte (iminente ou consumada) da literatura não são a exceção, mas a regra em diagnósticos a respeito do estado do literário, surgindo em tradições, autores e períodos muito distintos. É como se, para falar como Emmanuel Lévinas, que faz

aparição nessas páginas, essas mortes encontrassem algo que parece ser a impossibilidade de morrer. O capítulo contém análises de narrativas dos hispano-americanos Álvaro Enrigue, Roberto Bolaño e Mario Bellatin; os dois últimos retornam no oitavo capítulo – “Futuros de Arguedas” –, dessa vez lidos sob a sombra do escritor peruano, que retorna mais uma vez. Seu livro *El zorro de arriba y el zorro de abajo* (*A raposa de cima e a raposa de baixo*) é comentado na primeira parte do capítulo, enquanto uma apreciação do conto “Dentista”, do livro *Putas asesinas* (*Putas assassinas*) de Bolaño, encerra o capítulo – o relato de uma experiência na província mexicana indicando o que houve nas últimas décadas com os sonhos modernizadores dos literatos latino-americanos.

Finalmente, depois de tantos capítulos sobre aparentes fechamentos e impasses, no nono capítulo – “Da violência, da verdadeira violência” –, o livro se arrisca a apontar, se não exatamente uma saída ou superação, ao menos uma brecha nas enunciações totalizadoras a respeito do estado atual das coisas. Examina-se, na materialidade textual de “El Ojo Silva” (“O Olho Silva”), outro conto de Bolaño, o que acontece com o anúncio da inevitabilidade da violência que abre o relato, destrinchando o sentido da dificuldade de manter, ao longo do exercício de narração, a hipótese de uma clausura total do mundo, dificuldade encontrada também em textos do filósofo Giorgio Agamben e do cineasta Pier Paolo Pasolini. Como esforço derradeiro em busca da abertura de novas frestas, fissuras pelas quais seja possível respirar, o volume inclui ainda, antes de terminar, como *post scriptum*, um texto que parece diferente dos demais, um experimento que encena a estranha experiência de se encontrar na sala de aula, diante de um grupo de alunos e alunas, e ter que começar a falar.

Os capítulos não procuram a anuência rápida ou o consenso, a unanimidade ou a homogeneidade; são, ao contrário, ensaios que buscam tornar mais difícil a decisão e a escolha, o que equivale a dizer que buscam aumentar a necessidade de reflexão, inclusive para si. Que a “literatura” pareça ocupar nesses exercícios tantas vezes o lugar de antagonista é talvez compreensível, pois é a ela que o campo recorre em momentos de

incerteza. É nessas situações – essa é ao menos a hipótese – que aparece o risco de que o apelo à literatura sirva para interromper ou impedir novos gestos do pensamento.



No início de cada capítulo encontram-se dados sobre as publicações de versões anteriores dos textos reunidos aqui, bem como as circunstâncias de sua apresentação pública, quando houve. Todos os textos foram revistos e alguns foram significativamente ampliados. Agradecimentos específicos àqueles que contribuíram com sugestões, indagações e objeções a partes deste livro aparecem pontualmente em notas ao longo do livro. Reconheço também o apoio concedido pelo CNPq, por meio de Bolsas de Produtividade em Pesquisa, e pela Fapesp, da qual recebi Bolsa de Pesquisa no Exterior para pesquisa na Universidad Nacional Autónoma de México.

PARTE I
UM “NÃO” IMPOSSÍVEL

ALÉM DA LITERATURA*

Temos que admitir – eu pelo menos admito – que nós, críticos, somos uma espécie de paródia incômoda do rei Midas: tudo o que tocamos se “converte” não em ouro, mas em literatura.¹

No início do século XIX, ao descrever, num de seus múltiplos e variados comentários sobre o assunto, o sonho de uma *Weltliteratur* que transcendesse os limites das literaturas nacionais, Goethe sugere que as peculiaridades de uma nação são como suas moedas; ambas, em vez de impedir, *possibilitam* a troca entre os países.² Assim, apesar

* Este capítulo é uma versão revista e ampliada de um artigo publicado na revista *Literatura e Sociedade*, 11 (9), pp. 30-43, em 2006. Por comentários e críticas a versões anteriores deste capítulo, agradeço a Roberto Zular, Jaime Ginzburg, Ana Cecilia Olmos, membros do Laboratório Ouriço de Contraleituras (USP), colegas que participaram de seminário do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, em que o texto foi debatido, e ao público de eventos ocorridos na Universidad de Chile e na Universidad Nacional Autónoma de México, onde sou grato em particular a Rodolfo Mata. Agradeço ainda aos editores e revisores do periódico *Comparative Literature Studies*, em que uma tradução de partes deste capítulo foi publicada em 2008, com o título “Beyond the right to literature”. Duas breves observações sobre o título deste capítulo e sua falta de originalidade: soube, depois de sua primeira publicação, como artigo, em 2006, da existência de “Para além da literatura com a literatura”, de Lígia Chiappini (em *Lusorama, Atas do Congresso de Lusitanistas Alemães de 1999*, org. Axel Schönberger). Além de não ter sido o primeiro caso de uma referência a um “além da literatura” no título de um texto de teoria literária, não seria o último; seria lançado depois em Portugal todo um livro intitulado, justamente, *Além da literatura*, dessa vez de autoria do crítico literário português João Bigotte Chorão (Quetzal, 2014).

¹ “Tenemos que reconocer – al menos yo lo reconozco – que los críticos somos algo así como una incómoda parodia del Rey Midas: todo lo que tocamos se ‘convierte’ no en oro sino en literatura” (Cornejo Polar, 1994, p. 220). Todas as citações de outro idioma foram traduzidas pelo autor.

² *Apud* Hoesel-Uhlig, 2004, pp. 36-37.

da especificidade de cada tradição literária nacional, seria a suposta universalidade de um terceiro termo – um conceito abstrato e neutro, anterior a qualquer comparação e além de qualquer localismo – que permitiria que fosse concebido e implementado um sistema mundial. No caso da *Weltliteratur*, a abstração que tornava possível o exercício de superação das particularidades locais era a própria ideia de literatura. Afinal, como Goethe afirmaria em outra ocasião, ele estava “cada vez mais convencido de que a poesia é o patrimônio universal da humanidade, revelando-se em todos os lugares e em todos os tempos em centenas e centenas de homens”.³ A universalidade do conceito, por sua vez, parecia repousar, ao menos nesses momentos, na confiança na universalidade da própria humanidade, de forma que, ao recomendar a leitura de um romance chinês, Goethe busca superar a resistência de Eckermann assegurando que “os chineses pensam, agem e sentem quase exatamente o mesmo que nós; e logo percebemos que somos perfeitamente como eles”.⁴

Nos textos dispersos em que Goethe esboça diferentes concepções de literatura mundial, há momentos em que a *Weltliteratur* parece um projeto ainda a ser realizado – através da atenção a tradições literárias longínquas, da tradução entre as línguas, do abandono de preconceitos localistas – e outros em que ela é um objeto já existente, uma espécie de arquivo literário global à espera de que suas obras sejam descobertas e reconhecidas por leitores cosmopolitas aventureiros. Desde a perspectiva universalista, pensa-se que algo como a *literatura* já estaria sendo produzido em diferentes cantos do globo antes mesmo da invenção de expressões como “literatura mundial” ou “literatura universal”. Diferenças entre línguas e entre tradições literárias não impediriam a tradução e a apreciação, pois, no fim, os idiomas e as tradições – as moedas de Goethe – se referem à mesma ideia original.

Esse tipo de raciocínio tem um lugar estabelecido no campo dos estudos literários, e não é incomum que a teoria literária enfatize na

³ Segundo Johann Peter Eckermann, *apud* Damrosch, 2003, p. 1.

⁴ *Idem*, p. 11.